



VI CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

Segunda Convocatória

A Sociedade Brasileira de Estudos Organizacionais (SBEQ), juntamente com a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), convocam os associados da SBEQ, estudantes, professores, pesquisadores interessados nos Estudos Organizacionais, bem como os demais interessados, a participarem do VI Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais (CBEQ), que será realizado na Universidade Federal de Pernambuco, na cidade do Recife, Pernambuco, Brasil, de 28 a 31 de agosto de 2019.

Tendo em vista a resposta dos pesquisadores à primeira convocatória do VI Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, convidamos a todos para participar do evento e submeter seus artigos aos Grupos de Trabalho (GT) relacionados a seguir.

I - IDENTIFICAÇÃO DOS GRUPOS DE TRABALHO APROVADOS E SEUS COORDENADORES

Código	Nome	Coordenadores
GT-1	Interseccionalidades nos Estudos Organizacionais: desigualdades de raça, gênero, sexualidade e classe nos processos organizativos	Ana Paula Rodrigues Diniz, Josiane Barbosa Gouvêa, Josiane Silva de Oliveira, Juliana Cristina Teixeira, Magdalena Cortese, Vanêssa Pereira Simon.
GT-2	Crítica da Economia Política e Organizações	Cláudio Roberto Marques Gurgel, Deise Luiza da Silva Ferraz, Elcemir Paço Cunha, José Henrique de Faria, Wesley Silva Xavier.
GT-3	Organização, política e cultura	Eloise Helena Livramento Dellagnelo, Helena Salles Uglione, José Marcio Barros.
GT-4	Ética nos Estudos Organizacionais	Guilherme Dornelas Camara, Rodrigo Muñoz Grisales, Ariston Azevêdo.
GT-5	Práticas alternativas de gestão	Flávia Lopes Pacheco, Ireneide Pereira da Silva, Micheline Machado Maciel e Silva, Raquel de Oliveira Santos Lira
GT-6	Organização e práxis em lutas contra a opressão	Maria Ceci Misoczky, José Francisco Puello-Socarrás,

		Paulo Ricardo Zilio Abdala (UFRGS), Luiza Damboriarena.
GT –7	A vida social dos métodos	Cláudia Simone Antonello. Maria Beatriz Rodrigues, Marcio Pascoal Cassandre.
GT –8	Teorização, abordagens epistêmicas e experiências substantivas de pesquisa	Marcio Sá, Raphael Schlickmann.
GT –9	Subjetividade, organizações e sociedade	Felipe Amaral Borges, Igor Baptista de Oliveira Medeiros, Kettle Paes, Luciano Mendes, Lucas Casagrande.
GT –10	Relações organização-natureza no Antropoceno: crise epistêmica do antropocentrismo e a emergência de novas biossocialidades	Marina Dantas de Figueiredo, Fábio Freitas Schilling Marquesan, Letícia Dias Fantinel.
GT –11	Dinâmicas atuais nas relações de trabalho: flexibilidade, terceirização e informalidade	Ana Márcia Almeida Pereira, Roseli de Fátima Corteletti, Eugenio Pereira.
GT – 12	Análise reflexiva da prática nas organizações: contemplando diferentes áreas do conhecimento	Raquel Dorigan de Matos, Liliane Canopf. Yára Lúcia Mazziotti Bulgacov, Rafael Carvalho Machado.
GT – 13	Diálogos sobre o trabalho	Andrea Poletto Oltramari, Admardo Bonifácio Gomes Júnior, Fernanda Tarabal Lopes, Ludmila de Vasconcelos M. Guimarães.
GT – 14	Relações de poder no organizar (extra)ordinário da vida cotidiana	Alexandre de Pádua Carrieri, Nathalia de Fátima Joaquim, Luiz Alex Silva Saraiva.
GT – 15	Modos coletivistas de organização e economia popular solidária – dinâmicas, especificidades e contradições	Ana Beatriz Trindade de Melo, Carlúcia Maria Silva, Gilberto Braga Pereira.
GT – 16	Estratégia, Organizações e Interculturalidade	Janaína Maria Bueno, Carlos Roberto Domingues, Michel Mott Machado, Adriana Roseli Wünsch Takahashi.
GT – 17	Comportamento Humano, Organização e Trabalho	Kely César Martins de Paiva, Jair Nascimento Santos. Jesuína Maria Pereira Ferreira, Milka Alves Correia Barbosa.
GT – 18	Crimes, ditadura e negócios: modus operandi da violência nas organizações	Alessandra de Sá Mello da Costa, Cintia Rodrigues de O. Medeiros, Francis Kanashiro Meneghetti, Rafael Alcadipani.
GT – 19	Animais e organizações	Daniel de Almeida Pinto Kirjner, Loraine de Fátima Oliveira, Francisco José Sobreira de Matos.
GT – 20	Políticas públicas e lutas sociais: mudanças, organização e perspectivas	Renato Luis Pinto Miranda, Rodrigo Gameiro Guimarães, Rosimeri Carvalho da Silva, Sueli Goulart.
GT – 21	Redes, inovações e organizações	Antonio Carlos Andrade Ribeiro, Davide Carbonai, Velcimir Inácio Maia.
GT – 22	Negócios sociais e sustentabilidade	Paulo Thiago Nunes Bezerra de Melo,

II - DETALHAMENTO DOS GRUPOS DE TRABALHO APROVADOS

Grupo de Trabalho 01

Interseccionalidades nos Estudos Organizacionais: desigualdades de raça, gênero, sexualidade e classe nos processos organizativos

Coordenadoras

- Ana Paula Rodrigues Diniz – Doutoranda (Fundação Getúlio Vargas) – anaprdiniz@hotmail.com
- Josiane Barbosa Gouvêa – Doutoranda (Universidade Estadual de Maringá / Instituto Federal do Paraná – josidapper@hotmail.com
- Josiane Silva de Oliveira – Doutora (Universidade Federal de Goiás / Universidade Estadual de Maringá) – oliveira.josianesilva@gmail.com
- Juliana Cristina Teixeira – Doutora (Universidade Federal de São João del-Rei / PPA- Universidade Estadual de Maringá) – julianacteixeira@yahoo.com.br
- Magdalena Cortese – Doutoranda (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) - magdalenacoelho@gmail.com
- Vanêssa Pereira Simon – Doutora (Universidade do Estado de Santa Catarina) – vanessapsimon@gmail.com

Descrição

Este Grupo de Trabalho (GT) visa discutir as desigualdades sociais nas organizações a partir de uma perspectiva interseccional. Ao retomarmos a noção de interseccionalidade¹, buscamos evidenciar não só como as diferenças se constituem em desigualdades sociais, mas também como essas desigualdades se articulam nos espaços organizativos, gerando mecanismos de exclusão e discriminação particulares. Para isso, serão destacados, especialmente, intercruzamentos entre (1) raça², cor³ e etnias; (2) gêneros⁴; (3) sexualidades⁵; e (4) classes sociais, enfatizando a dimensão

1 CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, 2002. pp. 171-188; e MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

2 D'ADESKY, J. **Pluralismo étnico e multiculturalismo: racismos e antirracismos no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001; e HALL, S. Raça, o significante flutuante. **ZCultural**, v. 8, n. 2, 2013.

3 BARROS, J. D'A. **A construção social da cor: diferença e desigualdade na formação da sociedade brasileira**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

4 SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

5 OLIVEIRA, M. R. G. **O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 195p., 2017.

política de tais diferenças, em termos ideológicos, sócio-históricos e culturais. Esses tópicos serão analisados a partir de sua relação com as categorias trabalho, organizações, gestão e Administração, abordando desigualdades construídas e reproduzidas nas múltiplas dimensões organizativas da vida social⁶. Propomos receber trabalhos sobre grupos historicamente constituídos como subalternos⁷ em relação à raça, cor, etnia, gênero, sexualidade e classe, assim como sobre os que ocupam lugares sociais de privilégio (masculinidades, branquidades⁸, etc.). Nesse processo, também abrimos espaços para que discussões sobre as desigualdades sejam debatidas a partir de diferentes contextos, a exemplo do racismo ambiental⁹. Por meio deste GT, objetivamos avançar os debates promovidos nas últimas edições do CBEO, partindo de um olhar voltado para a análise de eixos unívocos de discriminação e exclusão, para outro, que saliente a complexidade da produção social das desigualdades nas organizações e no trabalho. Como grupo que se coloca no objetivo de avançar em discussões já postas, pensamos na importância da qualidade científica e política dos debates sobre a temática. No entanto, nos posicionamos também como espaço de acolhimento para estudantes e pesquisadorxs que se iniciam nas temáticas aqui descritas. Assim, receberemos ensaios teóricos e trabalhos teórico-empíricos em diferentes estágios de desenvolvimento, cujas abordagens possam ser profícuas para o momento de aprendizagem e troca que se constitui o congresso. Com isso, pretendemos, ainda, alinhar nossas práticas à pedagogia crítica e de conhecimento engajado, a serviço de justiça social¹⁰.

Grupo de Trabalho 02

Crítica da Economia Política e Organizações

Coordenadores

- Cláudio Roberto Marques Gurgel, Doutor, (Programa de Pós-Graduação em Administração/Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Turismo - PPGAd/EST - UFF), crmgurgel@hotmail.com
- Deise Luiza da Silva Ferraz, Doutora, (Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração - CEPEAD - UFMG), deiseluiza@face.ufmg.br
- Elcemir Paço Cunha, Doutor, (Programa de Pós-Graduação em Administração/Faculdade de Administração e Ciências Contábeis/Curso de Mestrado Acadêmico em Administração/PPGA/FACC/CMAA - UFJF), paco.cunha@facc.ufjf.br

⁶ CARRIERI, A. P. **A gestão ordinária**. 2012. Tese (Tese para concurso de Prof. Titular) – Faculdade de Administração, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

⁷ SANTOS, J. R. **A inserção do negro e seus dilemas**. Projeto Brasil 2020. Parcerias Estratégicas, n. 6, março 1999).

⁸ WARE, V. Introdução: o poder duradouro da branquidade: “um problema a solucionar”. In: WARE, V. (Org.). **Identidade branca e multiculturalismo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 7-40.

⁹ ACSELRAD, H. Ambientalização das lutas sociais - o caso do movimento por justiça ambiental. **Estudos Avançados**, v. 24, n. 68, p. 103-19, 2010.

¹⁰ COLLINS, P. H. **On Intellectual Activism**. Filadélfia, EUA. Temple University Press, p. 75-84, 2013.

- José Henrique de Faria, Doutor, (Centro de Pesquisa e Pós-Graduação em Administração - CEPPAD - UFPR), jhfaria@gmail.com
- Wescley Silva Xavier, Doutor, (Programa de Pós-Graduação em Administração - PPG-ADM - UFV), wescleysxavier@yahoo.com.br

Descrição

O objetivo do tema é fomentar o debate sobre as organizações (Estado, unidades produtivas bancos, organizações de classe, movimentos sociais, cidades etc.) com fundamentação na crítica da economia política. O estudo das organizações depende de uma base racional capaz de proporcionar elementos explicativos do fenômeno para além das identidades superficiais e das escolhas conceituais abstratas e arbitrárias. A crítica da economia política possibilita a ultrapassagem de aspectos epidérmicos e consequentemente o alcance das determinações fundamentais do modo de produção capitalista (modalidade específica de produção e apropriação da riqueza) e sua dinâmica historicamente determinada de reciprocidades entre continuidade e mudança. Nesse sentido, o tema propõe uma aproximação direta e consciente entre o estudo das organizações e a crítica da economia política, servindo de âncora para tal estudo e para a inquirição das formações ideais (formas de consciência teóricas e práticas) correspondentes, ao mesmo tempo que procura enfrentar as tendências apologéticas diretas e indiretas (irracionalismo) em favor da crítica radical, isto é, no entendimento de que “ser radical é agarrar as coisas pela raiz” (Marx). O tema é aberto às correntes clássicas e contemporâneas da ortodoxia e da heterodoxia dos marxismos, bem como às expressões sociológicas que flertam diretamente com os problemas da crítica da economia política e que emanam da sociabilidade regulada pelo capital. A crítica radical possui tradição na administração e nos estudos organizacionais no Brasil por meio de diferentes autores. Basta mencionar Maurício Tragtenberg e Fernando Prestes Motta que, em diferentes obras seminais, não abriram mão dos fundamentos marxistas e mobilizaram elementos da crítica da economia política como fatores explicativos para fenômenos tais como a burocracia, as alterações do processo de trabalho e as próprias teorias da administração e das organizações etc. Essa tradição é aberta ao pensamento social, inclusive latino-americano, que se debruçou sobre incontáveis aspectos que marcam a dinâmica econômica e política dos centros econômicos e das economias subordinadas. A proposta do tema é desenvolver a base racional aos estudos organizacionais na crítica da economia política e congregar pesquisadores e grupos de pesquisa ancorados no materialismo e na crítica radical. Por sua vez, a atualidade do tema é evocada não apenas por inúmeros pesquisadores brasileiros e estrangeiros que dedicam atenção aos mesmos fundamentos e elementos, mas também em razão do fato de que o contexto de crise econômica e suas notórias consequências sociais e políticas acionam incontornavelmente aquela tradição crítica do modo de produção capitalista. Tópicos: Capitalismo, organizações e desigualdades de classe, raça e gênero; Estado e capital; Desenvolvimento desigual e associação subordinada entre economias nacionais; Acumulação de capital, capital fictício e crises; Produção capitalista do espaço; Processo de trabalho e tecnologia; Produção destrutiva e natureza; Processo de produção capitalista e processo de produção saúde-doença; Gestão, poder e controle

nas organizações; Subjetividade na sociabilidade do capital; Movimentos sociais e organizações de resistência; Materialismo, ontologia e o problema do conhecimento; Marxologia, formações ideias e crítica ontológica; Ideologia e ideologias.

Grupo de Trabalho 03

Organização, política e cultura

Coordenadores

- Eloise Helena Livramento Dellagnelo, Dra. Engenharia de Produção UFSC, Programa de Pós-Graduação em Administração – Universidade Federal de Santa Catarina, eloiselivramento@gmail.com
- Helena Salles Uglione, Dra. Administração UFSC, Departamento de Ciências da Administração – Universidade Federal de Santa Catarina, helena.salles@ufsc.br
- José Marcio Barros, Dr. Comunicação e Cultura – UFRJ, Programa de Pós graduação em Arte – UEMG, Programa de Pós Graduação Cultura e Sociedade UFBA, Josemarciobarros@gmail.com

Descrição

Este GT acolhe comunicações de pesquisas finalizadas ou em andamento, além de relatos reflexivos de experiências e análises de realidades conjunturais que se relacionam com o campo expandido de convergência entre política, organização e gestão da cultura. Esperamos receber artigos construídos a partir de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, voltadas à análise crítica de modelos, práticas e discursos tanto em ambientes institucionais e organizacionais formais quanto não-formais, sejam eles estatais, privados e não-governamentais. Nos interessa promover o intercâmbio de conhecimentos e experiências que abordem a política como realidade plural; a organização e a gestão como substantivos e verbos e a cultura em sua diversidade. A análise de arranjos organizacionais de gestão de políticas, programas e projetos culturais; a compreensão de modelos e práticas de gestão de organizações, espaços e grupos culturais; questões afeitas à participação social em suas diferentes dinâmicas, espaços e agentes, configuram o espectro de interesses do GT.

Grupo de Trabalho 04

Ética nos Estudos Organizacionais

Coordenadores

- Guilherme Dornelas Camara, Doutor, Professor da Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, correio eletrônico: guilherme.dornelas@ufrgs.br

- Rodrigo Muñoz Grisales, Doutor, Professor da Universidad EAFIT, Medellín, Presidente da Red Posgrados e Investigaciones Latinas en Administración y Estudios Organizacionales (Red Pilares), correio eletrônico: romunoz@eafit.edu.co
- Ariston Azevêdo, Doutor, Professor do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, correio eletrônico: ariston.azevedo@ufrgs.br

Descrição

Inegavelmente, a ética está na ordem do dia dos cidadãos brasileiros, e não é exatamente em razão dos fatos atuais, embora sejam eles os principais responsáveis por trazer de modo claro à consciência individual e coletiva assuntos que envolvem dilemas morais e, conseqüentemente, julgamentos de valor, em especial quando objetivam, além de seus próprios atos, os de administradores públicos e privados, parlamentares, juízes, procuradores, CEOs, etc. Se os cidadãos se põem a refletir eticamente sobre tudo isso, não se pode aceitar alheamente que os Estudos Organizacionais (EOs) fujam à sua finalidade de auxiliá-los nessa reflexão. Questões como: do que falamos quando dizemos 'ética'? Quais são os limites e alcances de uma ação 'ética'? Qual ética é adequada e quem a determina? Quais os limites explicativos da própria ética? vêm à tona. A literatura do *management* indica que a discussão da ética nos negócios existe desde os anos 1950-60, particularmente em razão do avanço da ideia de responsabilidade social dos *businessmen* (BOWEN, 1957). Mas ao instituir, com Friedman (1970), que a responsabilidade social dos negócios é incrementar os lucros, pois assim seria possível alcançar com maior segurança um estado de bem-estar generalizado pela ação da mão invisível do mercado, ela procede um reducionismo gritante, porém efetivo, dado que tem limitado a discussão da ética em EOs aos preceitos da *business ethics*, o que quer dizer estabelecimento de uma noção de 'ética aplicada' e em consonância com a definição capitalista e funcionalista de organização.

Na busca por um campo de estudo, pesquisa e reflexão mais arejado e, conseqüentemente, por respostas mais complexas para aquelas e outras questões, resta-nos claro que os acadêmicos de EOs precisam superar o pensamento hegemônico sobre a ética imposto pelo novo neoliberalismo (PUELLO-SOCARRÁS, 2014) e por uma nova onda conservadora e sectária que assola o Brasil e outros países da América Latina. Compreendemos, a partir daí, que a ética tem como tema fundamental a vida dos seres humanos em coletividade, desde sua materialidade e facticidade (DUSSEL, 2002). Esses seres humanos, na realização de atos éticos, comprometem-se em realizar o que é bom, justo e necessário, baseando-se em noções como o respeito e a convivialidade, com o intuito de garantir a autorrealização de cada sujeito humano. Ao destacar a ética no campo dos EOs, convidamos a comunidade a pensar a relação necessária entre ética prática e teórica no contexto da existência política das/nas organizações (comunitárias, ONGs, empresas, governos, etc.), bem como no organizar dos povos e grupamentos humanos que se opõem aos projetos de empresas e governo, ou que criam um novo e necessário 'bom'. Nesse sentido mais amplo, encontramos no campo dos EOs uma sistematização de um debate crítico (por ex.: IBARRA-COLADO *ET AL.*, 2006; RHODES, 2006, 2009;), que segue com o avanço da

relação entre ética e política (PULLEN; RHODES, 2015) e da reflexividade dos acadêmicos do campo (FLYVBJERG, 2003). Essas múltiplas possibilidades estão reunidas neste GT, para pensarmos o exercício de poder das/nas organizações e de processos de organizar no contexto social mais amplo. Por isso, esperamos receber trabalhos (completos, em progresso ou resumos expandidos) sobre os seguintes temas – sem, de qualquer maneira, serem exclusivos a eles:

- Autores e teorias éticas no contexto latino-americano;
- O caráter popular da ética;
- Ética e democracia;
- Crítica às práticas éticas das ou nas organizações;
- Organização da resistência popular eticamente embasada;
- Práticas comunitárias de proteção da natureza;
- Abordagens críticas da RSC desde um olhar ético;
- Responsabilidade e governo;
- Responsabilidade e organização;
- O ensino e a pesquisa da ética nos EOs;
- A ética na formação de profissionais para as empresas.

Referências

BOWEN, H. R. *Responsabilidades sociais dos homens de negócios*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957. DUSSEL, E. *Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis: Vozes, 2002. FLYVBJERG, B. Making organization research matter: power, values, and phronesis. In: Czarniawski, B.; SEVÓN, G. (Ed.s). *The northern lights: organization theory in Scandinavia*. Stockholm: Liber, 2003, p.357-381. Disponível em: <<http://flyvbjerg.plan.aau.dk/Publications2006/PhronOrgClegg0603Handbook.pdf>>. FRIEDMAN, M. 'The social responsibility of business is to increase its profits'. *The New York Times Magazine*. 13 sept. 1970. JONES, C. 'Management and its others'. In R. Mir, H. Willmott, Greenwood (Eds.) *The Routledge companion to philosophy in organization studies*. London, UK: Routledge, 2016, p. 466-473. PULLEN, A.; RHODES, C. *The Routledge Companion to Ethics, Politics and Organizations*, Routledge, 2015. PUELLO-SOCARRÁS, J. F. '8 tesis sobre el neoliberalismo (1973-2013)'. *Marxismo Crítico*. 26 feb. 2014. SÁNCHEZ-VÁZQUEZ, A. *Ética*. 4 ed. Barcelona: Editorial Crítica, 1984.

Grupo de Trabalho 05

Práticas alternativas de gestão

Coordenadores

- Flávia Lopes Pacheco, Dra (UFS), flavinhlp@hotmail.com
- Iraneide Pereira da Silva, Dra (IFPE), iraneidepsilva@hotmail.com
- Michelaine Machado Maciel e Silva, Me. (FSH), michelaine.silva@gmail.com

- Raquel de Oliveira Santos Lira, Me. (IFPE), raquel.lira@igarassu.ifpe.edu.br

Descrição

A discussão visa promover trabalhos que abordem práticas alternativas de gestão envolvendo estudos e pesquisas sobre gestão humanizada, como associativismo, cooperativismo, economia solidária, ecossocialismo, ecofeminismo, organizações culturais, políticas públicas de cultura e lazer no âmbito organizacional. Entende-se por práticas alternativas, de maneira ampla, processos de luta por territórios, por discursos, formas de sustentabilidade e sobrevivência, através de relações de poder, cooperação e conflito. Convidamos pesquisas sobre as práticas que recorram a um campo prático de ação para além da caracterização das estruturas organizacionais evidenciando o caráter fluido das transformações e movimentos das organizações (BOURDIEU, 1996).

Os estudos críticos organizacionais têm apontado para a necessidade de se discutir alternativas aos formatos hegemônicos e concepções teóricas que busquem possíveis mecanismos de participação, ação coletiva, práticas autogestionárias, além de exemplos de organizações e experiências que permitam a emancipação dos sujeitos (TENÓRIO, 2009; FARIA, 2009 e MISOCZKY, 2010).

Ao que Sennet (2011) indica ser a religação de resistência às novas economias políticas existentes nos diferentes contextos organizacionais que seriam possíveis essas práticas.

Os estudos que guardam, em comum, essas práticas buscam restabelecimentos comunitários, buscando práticas de responsabilidade mútua e o fortalecimento dos compromissos dos sujeitos que estão envolvidos. Desta forma, estão permeadas por determinado senso de resistência, pois muitas das práticas envolvidas partilham certa vulnerabilidade institucional em buscarem se firmar dentro de contextos capitalistas.

A submissão de trabalhos está aberta a uma variedade de tópicos e temas relacionados ao ambiente organizacional, incluindo (porém sem restringir) uma variedade de temáticas envolvendo:

- Práticas organizativas;
- Processos organizacionais;
- Associativismo;
- Cooperativismo;
- Economia solidária;
- Ecossocialismo;
- Ecofeminismo;
- Políticas públicas.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas** : sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. 4. ed. Campinas: Papius, 1996.

FARIA, José Henrique de. Teoria crítica em estudos organizacionais no Brasil: o estado da arte. **Cadernos EBAPE.BR** , Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 509 a 515, jan. 2009. ISSN 1679-3951. Disponível em: <

<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/5396/4130>
>. Acesso em: 07 Abr. 2019.

MISOCZKY, Maria Ceci; FLORES, Rafael Kruter; MORAES, Joysi (Org.). **Organização e Práxis Libertadora**. Porto Alegre, Dacasa Editora, 2010.

TENORIO, Fernando G.. Pensamento crítico versus Pensamento tradicional. **Cad. EBAPE.BR** [online]. 2009, vol.7, n.3 [cited 2019-04-07], pp.525-526. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512009000300011&lng=en&nrm=iso>. ISSN 1679-3951. <http://dx.doi.org/10.1590/S1679-39512009000300011>.

SENNETT, Richard. **A corrosão do Caráter**: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 16 ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

Grupo de Trabalho 06

Organização e práxis em lutas contra a opressão

Coordenadores

- Maria Ceci Misoczky, (UFRGS), Dra., Email: maria.ceci@ufrgs.br
- José Francisco Puello-Socarrás (ESAP – Colômbia), Me., Email: josepuel@esap.edu.co
- Paulo Ricardo Zilio Abdala (UFRGS), Dr., Email: paulo.abdala@ufrgs.br
- Luiza Damboriarena (UNIPAMPA), Me., Email: luizadamboriarena@hotmail.com

Descrição

A suposição de que o novo milênio seria caracterizado pela dominação total do livre mercado, do individualismo e da apatia política tem sido desafiada continuamente por coletivos que ousam se organizar e lutar. Na sua práxis, alguns desses coletivos confrontam o capitalismo em sua fase neoliberal e a perspectiva de um mundo distópico, dominado por elites tecnologicamente empoderadas. De fato, quando prestamos atenção para o que acontece ao nosso redor, encontramos uma variedade de processos organizacionais que confrontam o determinismo e experimentam a liberdade de construir alternativas. Ainda que essas organizações/eventos sejam transitórios, constituem um momento, isto é, “uma tentativa de alcançar a realização total de uma possibilidade” que é, no entanto, sempre determinada e parcial (LEFEBVRE, 2014, p. 642). Esses processos organizacionais de lutas e movimentos populares não podem ser devidamente compreendidos se não estiverem articulados com o conhecimento que é teoricamente elaborado e com aquele que emerge desde abaixo e continua, na maioria das vezes, restrito às práticas e aos espaços de luta (MISOCZKY; BÖHM; DORNELAS CAMARA, 2017). Por essa razão, estamos interessados na organização das lutas de coletivos populares e de trabalhadores, assim como na organização ativa da solidariedade. Por lutas dos trabalhadores, não nos referimos apenas àquelas mediadas pelas instituições tradicionais, mas também e principalmente às múltiplas e criativas práticas de organização que emergem no

contexto contemporâneo do trabalho precário e da chamada economia de plataforma. Por lutas populares, nos referimos à práxis de sujeitos sociais (como trabalhadores rurais, comunidades indígenas, moradores de rua, trabalhadores sem teto, desempregados e trabalhadores domésticos, entre outros) que são, frequentemente, invisibilizados em análises que focam nas dimensões institucionais e estruturais da organização de protestos e de territórios. Por solidariedade ativa, nos referimos a abraçar a alteridade, ao comprometimento para com aqueles que o sistema exclui (DUSSEL, 2013).

Convidamos particularmente, mas de maneira alguma limitamos, submissões de trabalhos sobre um ou mais dos seguintes tópicos:

- Processos organizacionais de coletivos em luta contra a opressão e a exploração.
- Estratégias, táticas e processos emergentes de organização de trabalhadores no contexto contemporâneo de reconfiguração do trabalho.
- Processos organizacionais de coletivos feministas e LGBTQI contra as diversas formas e práticas de opressão, incluindo a cultural e a econômica.
- Coletivos organizados para enfrentar o racismo em suas distintas manifestações.
- Lutas em defesa de modos de vida em sua relação com a natureza.
- Tecnologia e a organização das lutas sociais.
- O significado organizacional de movimentos ou eventos efêmeros.
- Práticas de pesquisa para estudar a organização de lutas e movimentos sociais contra a opressão e seus limites.
- Diálogos teóricos com o conhecimento produzido por ativistas em seus processos de organização, incluindo perspectivas anti-*management* emergentes em suas lutas.

Referências

- DUSSEL, E. *Ethics of Liberation in the Age of Globalization and Exclusion*. Durham: Duke University Press, 2013.
- LEFEBVRE, H. *Critique of everyday life*. London: Verso, 2014.
- MISOCZKY, M.; BÖHM, S.; DORNELAS CAMARA, G. Organizational practices of social movements and popular struggles: understanding the power of organizing from below. *Qualitative Research in Organization and Management*, v. 12, n. 4, 2017, p. 250-261 .

Grupo de Trabalho 07

A vida social dos métodos

Coordenadores

- Cláudia Simone Antonello. Doutora. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, claudia.antonello@ufrgs.br
- Maria Beatriz Rodrigues. Doutora. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, beatriz.rodrigues@ufrgs.br

- Marcio Pascoal Cassandre. Doutor. Universidade Estadual de Maringá, mpcassandre@uem.br

Descrição

Em um mundo fluido, múltiplo e mutável, os fenômenos e suas definições são sempre complexos, principalmente se a compreensão do mesmo não segue a ideia de uma realidade concreta e atingível por meio de métodos “adequados” e alinhados com a compreensão ontológica de quem pesquisa. Os locais em que podemos encontrar métodos de pesquisa social também se multiplicaram. Eles costumavam se basear principalmente em universidades e agências de pesquisa do governo. Mas agora encontramos métodos de pesquisa social sendo “inventados” e circulando no setor privado, em organizações comunitárias e em novos campos disciplinares. Algumas de nossas principais questões são, portanto: Quais são os possíveis espaços alternativos de conhecimento? Quais são as alternativas aos sistemas de conhecimento hegemônico? Onde os métodos de pesquisa social estão sendo inventados? Como eles estão sendo verificados? Como o conhecimento que eles produzem é validado? E como eles estão transitando entre diferentes campos de conhecimento? Que tipo de invisibilidades e ausências são apresentadas pelos métodos das ciências sociais? O GT “A vida social dos métodos” reflete criticamente o conceito tradicional de método, adotando a noção de estratégias de produção de conhecimento nas quais se encontram mutuamente implicados o problema de pesquisa, o modo de construí-lo e o corpus teórico que lhe dá sustentação. Apresenta o debate contemporâneo em Pesquisa Qualitativa e procura esclarecer questões relativas às relações entre teorias, métodos, técnicas e estratégias, que permitam o desenvolvimento de pesquisas qualitativas com rigor e relevância. Parte da ideia de que as discussões fomentadas em bases críticas permitem o desenvolvimento de lentes vigorosas para pensar a realidade do *locus* de análise, do papel de quem propõe uma investigação e das pessoas envolvidas na trama da pesquisa. Para tal, centra-se nos fundamentos epistemológicos de várias abordagens metodológicas e debates contemporâneos sobre métodos empíricos. Sendo assim, introduz debates sobre métodos e promove a reflexão sobre formas de avaliar sua adequação, limitações, suposições e aplicações práticas na pesquisa. Busca contribuir para o debate de Estudos Organizacionais, não limitados à Administração, de forma atualizada, com ênfase nas metodologias qualitativas, procurando sempre que possível articular essas discussões com o plano morfológico e operatório de pesquisas. Incentiva o desenvolvimento, a familiaridade e a construção de ampla gama de possibilidades metodológicas que permitam ler e avaliar criticamente pesquisas conduzidas em uma variedade de perspectivas. Quando as práticas de pesquisa são críticas, repropostas, construídas e desconstruídas, elas assumem caráter político e de transformação social. Os métodos auxiliam na tarefa de organizar e entender informações de um mundo imprevisível, não prontamente disponível, feito de alianças, associações, inter-relações, diferentes atores e influências. A partir de pesquisas realizadas no campo das Ciências Organizacionais, o GT busca apresentar uma visão geral do campo de pesquisa qualitativa, que permita:

- Discutir o alinhamento entre teoria e método, sobretudo o papel da teoria na estratégia de pesquisa e como fazer uma contribuição teórica;

- Desenvolver uma explícita apreciação de como alcançar a coerência entre os três domínios de uma pesquisa de qualidade (domínios substantivo, teórico e metodológico);
- Elaborar diretrizes metodológicas e explorar critérios para desenvolver, publicar e avaliar pesquisas qualitativas de qualidade.
- Propor um espaço de interlocução e debate de propostas metodológicas já finalizadas ou ainda em desenvolvimento.

Grupo de Trabalho 08

Teorização, abordagens epistêmicas e experiências substantivas de pesquisa

Coordenadores

- Marcio Sá, Doutor em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) marciodesa@gmail.com
- Raphael Schlickmann, Doutor em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) raphael.schlickmann@ufsc.br

Descrição

No âmago do ofício da pesquisa social está a criação criteriosa. Quer seja por meio de teorizações que possibilitam sustentação de interpretações razoáveis sobre um fenômeno, na busca por um modo mais apropriado de melhor elaborar conhecimento sobre um tema específico, ou ainda nas alternativas para “se resolver” diante de desafios vivenciados em plena pesquisa de campo – lá onde os manuais de metodologia se mostram incapazes de dar conta dos dilemas concretos vividos, lá onde a intimidade de quem pesquisa pode ser transformada quando consegue se engajar em vivências substantivas. O **objetivo** deste GT é congrega grupos de pesquisa e pesquisadores identificados, ou que dialogam, com os EO no Brasil e que (1) tenham enfrentado ou estejam enfrentado o trabalho de ressignificação ou elaboração de teorias em função de objetos de pesquisa (quer sejam teóricos ou teórico-empíricos) que demandaram tal esforço, (2) cientes de que a relação pesquisador-campo é única e que, para êxito esclarecido nela, é preciso criatividade epistêmica, ou seja, imaginação circunstanciada a partir dos modos de produção científica até então postos, e que acreditam ter vivido (3) experiências de trabalho investigativo que se mostraram substantivas aos envolvidos, ou seja, que promoveram mudanças na visão de mundo e no modo de proceder dos partícipes (e dos seus resultados). Por esforços de **teorização** entendemos uma atitude que não se limita à aplicação de um modelo e a orientação da pesquisa em função dele (no clássico modo de proceder nas ciências sociais, primeiro vem a boa teoria, depois se faz o trabalho empírico para comprová-la/exemplificá-la/ilustrá-la com “dados”), ao invés disso, se abre ao empírico e se propõe a ressignificar os aportes teóricos aos quais recorreu, reelaborando-os para que possam servir apropriadamente à investigação abraçada. Por **abordagens epistêmicas** criativas entendemos outra atitude vinculada à anterior, um habitus

científico (Bourdieu) não escolástico, que evolui por meio das alternativas de produção de conhecimento que se mostra capaz de elaborar, criando epistemologia modesta, porém própria, sob medida de necessidades localizadas. Por **experiências substantivas de pesquisa** entendemos a transformação íntima e coletiva que pode acontecer com pessoas que se engajam e vivem, ao longo de uma investigação, bem como os resultados de tais trabalhos- frutos de envolvimento existenciais com aqueles que, no campo, se tornaram personagens centrais ao trabalho. Não desejamos receber artigos convencionais, mas sim textos que relatam experiências e práticas, expondo temas e dilemas como os seguintes:

- Optamos pela perspectiva teórica “X”, mas ao longo da pesquisa, o fenômeno (ou o campo) mostrou que seria necessário ressignificá-la, afinal, sua formulação original não tinha como atender aos problemas (não previstos) que a pesquisa apresentou;
- Diante de uma problematização (ou campo empírico) com traços específicos, sentimos a necessidade de repensar as bases epistêmicas dos principais autores com os quais estávamos trabalhando, procuramos fazer isso do seguinte modo... ;
- Como pesquisador, entrei no campo de pesquisa de um jeito e saí de outro, associo isso a “tais” vivências, bem como a essas dimensões específicas dos resultados alcançados;
- Estamos procurando articular nossas iniciativas de pesquisa com o ensino e a extensão, esses esforços têm enfrentado “tais” desafios, porém têm proporcionado aos envolvidos “tais” experiências substantivas.

O anseio, que vai além do GT, é animar a formação de uma comunidade de prática de grupos e pesquisadores interessados em partilhar experiências dessas naturezas.

Grupo de Trabalho 09

Subjetividade, organização e sociedade

Coordenadores

- Felipe Amaral Borges, Dr. Universidade Federal do Rio Grande - FURG. ffbamaral@gmail.com
- Igor Baptista de Oliveira Medeiros, Dr. Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA. igormedeiros@unipampa.edu.br
- Kettle Paes, Dra. Universidade Federal do Rio Grande - FURG. kettlep@yahoo.com.br
- Luciano Mendes, Dr. Universidade de São Paulo/Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” - USP/ESALQ. mendes@usp.br
- Lucas Casagrande, Dr. Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. lcasagrande@tutanota.com

Descrição

A temática da produção de subjetividade nas organizações e na sociedade tem inquietado diversos pesquisadores do campo de saber dos Estudos Organizacionais (EO). Abarcando pensadores consagrados como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari e Jacques Derrida até aqueles mais contemporâneos como Giorgio Agamben, Suely Rolnik, Peter Pal Pelbart, as teorizações sobre os modos e os processos de subjetivação merecem ser mais discutidas e problematizadas pelos pesquisadores de EO. Foucault, Deleuze e Derrida - os pensadores rebeldes - tratam da subjetividade a partir da problematização, questionando aquilo que é dado ou evidente, o que possibilitou a formação de uma linha epistemológica, o pós-estruturalismo, que tem base filosófica em Friedrich Nietzsche. Não se trata, aqui, de fazer reformas ou emendas, mas, desde dentro, colocar em questão as certezas da modernidade. Entendemos que o pós-estruturalismo se configura como uma propositiva para pensarmos em outras formas de historicizar e de fazer crítica nos EO. De fato, observamos nos últimos eventos da área inúmeros trabalhos que buscam inspiração nessa epistemologia para contar outras histórias que circundam os atos de organizar. Todavia, ainda encontramos alguns equívocos e incompreensões sobre o que é e como pesquisar tendo como base o pós-estruturalismo. Quase sempre, esta incompreensão resulta na crença do relativismo absoluto e do descomprometimento social. Nada mais equivocado. Esse GT visa congrega pesquisadores interessados nessa epistemologia. Colegas que buscam explorar uma outra forma de produção de conhecimento; outros movimentos do pensamento que trazem consigo outro modo de fazer crítica nos EO. Assim, para os pesquisadores pós-estruturalistas, as problemáticas que urgem em nossos tempos dizem respeito, por exemplo, à supressão da paixão, do desejo, em prol da eficiência e do progresso. Com os pensadores pós-estruturalistas, podemos explorar a noção do desejo a partir da constituição dos sujeitos. Com o fim da dicotomia sujeito-objeto, a subjetividade passa a ser descentrada e pulverizada; o sujeito não tem essência ou origem, pois sua subjetividade está mergulhada em um duplo movimento de produção e efeito. Por certo que, para que o indivíduo possa dar forma à sua vida, fazendo-a corresponder à sua verdade, ele necessita exercer uma prática de liberdade. A partir disto que se afirma a liberdade como condição ontológica para uma vida ética, nos termos de Michel Foucault. Considerando essas questões, encorajamos trabalhos que abordem as seguintes temáticas, mas não apenas:

- Analítica do corpo e do poder nos EO;
- Política dos afetos, ética de si e amizade em organizações;
- Biopolítica e biopoder;
- Analítica de dispositivos para compreender a realidade organizacional;
- Teoria queer, gênero e sexualidade no pós-estruturalismo;
- Constituição do sujeito em organização: produção de subjetividade no trabalho;
- Morte e organizações;
- Questões epistemológicas e metodológicas do pós-estruturalismo;
- Epistemologia processualista (tal como em Bergson);
- Epistemologia perspectivista (seja tal como em Nietzsche, seja tal como em Viveiros de Castro);

- Crítica pós-estruturalista nos EO;
- Método da desconstrução nos EO;
- Arqueologias sobre as formações discursivas em torno dos EO e da Administração;
- Análises do discurso: as relações do sujeito com as verdades da Administração.
- A noção de prática em Foucault: práticas de si, práticas de liberdade.

Esclarecimentos para submissão neste GT:

Em caso de mais de um(a) autor(a), o nome dos autores deverá constar em ordem alfabética, como forma de nos contrapormos a criar relações hierárquicas de autoria dentro da produção do conhecimento. Para os anais do congresso, a ordem da autoria de cada artigo será sorteada pelos proponentes deste GT durante as sessões;

Estamos prevendo fazer *fast track* para edição especial em uma revista da área. Os participantes deste GT serão convidados a participar do mesmo durante divulgação no CBE0.

Grupo de Trabalho 10

Relações organização-natureza no Antropoceno: crise epistêmica do antropocentrismo e a emergência de novas biossocialidades

Coordenadores

- Marina Dantas de Figueiredo, Dra. pela UFRGS, Professora adjunta no PPGA da Unifor, marina.dantas@unifor.br
- Fábio Freitas Schilling Marquesan, Dr. pela UFRGS, Professor adjunto no PPGA da Unifor, marquesan@unifor.br
- Letícia Dias Fantinel, Dra. pela UFBA, Professora adjunta no PPGAdm da UFES, leticiafantinel@gmail.com

Descrição

Para o VI CBE0, em Recife, pretendemos propor reflexões que coloquem o organizar em perspectiva a partir de políticas mais que humanas (Beacham, 2018). O escopo dessa perspectiva implica trabalhar nas chamadas zonas cinzentas nas quais opera uma suposta dualidade entre natureza e cultura. Isso envolve desnaturalizar cisões artificiais que são impostas a saberes que perpassam o biológico, o social, o cultural, o econômico e o organizacional e compreender que é no entrecruzamento dessas diferentes esferas que emergem biossocialidades (Rabinow, 1992). E é sobre tais biossocialidades, produzidas em processos organizativos e produtoras de impactos materiais no mundo em que vivemos, que nos debruçamos, pautados no esforço de articulação entre saberes diversos. Instamos os interessados, portanto, ao desafio de

pensarmos sobre os limites e fragilidades dos modos de desenvolvimento capitalista que, por meio de práticas organizacionais destrutivas (Banerjee, 2008), vêm produzindo interações com o ambiente e outras formas de vida que, quase que invariavelmente, resultam em catástrofes ambientais, desequilíbrios de ecossistemas, mudanças climáticas e crises econômicas e socioambientais. Buscamos, igualmente, refletir sobre possíveis alternativas para pensarmos a própria existência da vida humana tanto quanto não humana no contexto do Antropoceno, a partir de uma preocupação com a dimensão biossocial do organizar (Labatut, Munro e Desmond, 2016). Gostaríamos, ainda, de dar continuidade ao esforço de proposição de um projeto científico para repensar a relação organização-natureza nos Estudos Organizacionais no Brasil (Marquesan e Figueiredo, 2018). Entendemos, portanto, que as discussões que foram iniciadas na edição de 2018 do CBE0, em que foram problematizados os “Estudos Organizacionais no Antropoceno” a partir da produção de questionamentos sobre o estilo de vida moderno-ocidental-capitalista, encontram espaço para seguir ativas no âmbito da Sociedade Brasileira de Estudos Organizacionais (SBEO). Nessa linha, compreendemos as discussões sobre o Antropoceno (Crutzen, 2002; Malm e Hornborg, 2014; Steffen, Crutzen e McNeill, 2007; Steffen et al., 2015) como uma arena de exposição e denúncia da crise ecológica ainda pouco trabalhada no campo científico, bem como de crítica à crença modernista de que uma boa gestão de ciência e tecnologia (Asafu-Adjaye et al., 2015) pode solucionar os problemas da humanidade. Entendemos que o Antropoceno é um fato científico novo (na ciência como um todo e nos Estudos Organizacionais, mais ainda), que ressalta a crise dos paradigmas modernos e que pode proporcionar a articulação de novas lentes para pensar o bem viver e o viver com os outros, numa perspectiva integrativa dos entes da natureza (Ergene, Calás e Smircich, 2018). Do exposto, comunicamos que o objetivo do GT é fomentar discussões que apontem as repercussões do pensamento científico em gestão e das técnicas/tecnologias de gestão sobre o meio ambiente e os limites que as perspectivas tradicionais hegemônicas sobre a relação organização-natureza têm imposto à Teoria Organizacional no contexto do pensamento intelectual e da vida cotidiana. Buscamos, ainda, pavimentar caminhos para a superação desse estado de coisas e, nesse sentido, convidamos trabalhos que se dediquem a debater questões tais como as seguintes (ainda que não limitadas a elas):

- Reflexões sobre a relação organização-natureza na Teoria Organizacional e imbricações da existência humana organizada com outras formas de vida;
- Debates sobre agendas teóricas, éticas e políticas que problematizem o especismo e o antropocentrismo na prática e na Teoria Organizacional;
- Contradições inerentes à tríade produção-distribuição-consumo da Ciência e da Tecnologia em relação às necessidades da vida humana contemporânea e à conservação do meio ambiente;
- Problematizações acerca da produção de desigualdades no acesso a recursos naturais tanto em ambientes rurais quanto urbanos;
- Teorizações alternativas ao paradigma dominante da sustentabilidade nos Estudos Organizacionais;
- Discussões sobre políticas institucionais e práticas organizativas quanto ao impacto das atividades empresariais na natureza e nas comunidades afetadas;

- Reflexões sobre a responsabilidade dos estudiosos das organizações na crise ambiental contemporânea.

Referências

- ASAFU-ADJAYE, J. *et al.* *An ecomodernist manifesto*. 2015. Disponível em: www.ecomodernism.org. Acesso em: 03 de março de 2018.
- BANERJEE, S. B. Necrocapitalism. *Organization Studies*. v. 29, n. 12, 2008, p. 1541–1563.
- BEACHAM, J. Organising food differently: Towards a more-than-human ethics of care for the Anthropocene. *Organization*, v. 25, n. 4, p. 533–549, 31 jul. 2018.
- CRUTZEN, J. P. Geology of mankind. *Nature*. v. 415, 2002.
- ERGENE, S.; CALÁS, M. B.; SMIRCICH, L. Ecologies of sustainable concerns: organization theorizing for the Anthropocene. *Gender, Work & Organization*. v. 25, n. 3, 2018. p. 222-245
- LABATUT, J.; MUNRO, I.; DESMOND, J. Animals and organizations. *Organization*, v. 23, n. 3, p. 315–329, 2016.
- MALM, A.; HORNBERG, A. The geology of mankind? A critique of the Anthropocene narrative. *The Anthropocene Review*. v. 1, n. 1, 2014, p. 62-69.
- MARQUESAN, F. F. S.; FIGUEIREDO, M. D. de. Do ecoambientalismo à sustentabilidade: notas críticas sobre a relação organização-natureza nos estudos organizacionais. *O&S*. v. 25, n. 85, 2018. p. 264-286
- RABINOW, P. Artificiality and Enlightenment: From Sociobiology to Biosociality. In: KWINTEE, J. C. AND S. (Org.). *Incorporations*. New York: Zone, 1992. p. 234–252.
- STEFFEN, W.; BROADGATE, W.; DEUTSH, L.; GAFFNEY, O.; LUDWIG, C. The trajectory of the Anthropocene: the great acceleration. *The Anthropocene Review*. v. 2, n. 1, 2015, p. 81-98.
- STEFFEN, W.; CRUTZEN, P. J.; McNEILL, J. R. The Anthropocene: are humans now overwhelming the great forces of nature? *Ambio*. v. 36, n. 8. 2007.

Grupo de Trabalho 11

Dinâmicas atuais nas relações de trabalho: Flexibilidade, Terceirização e Informalidade

Coordenadores

- Ana Márcia Almeida Pereira, doutora em Administração, professora do Curso de Graduação em Administração da UFPE, pesquisadora do Grupo de Estudos e Intervenções do Agreste (GEIA/UFPE/CNPq) e do Grupo de Pesquisa Trabalho, Desenvolvimento e Políticas Públicas (TDEPP/UFPE/CNPq). E-mail: anabatistaalmeida@gmail.com
- Roseli de Fátima Corteletti, doutora em Sociologia, professora do Curso de Graduação em Ciências Sociais da UFCG, pesquisadora e vice-líder do Grupo de Pesquisa Trabalho, Desenvolvimento e Políticas Públicas (TDEPP/UFGC/CNPq). Email: roselicortel@yahoo.com.br

- Eugenio Pereira, doutor em Sociologia, e pesquisador do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Políticas Públicas e Trabalho (LAEPT/UFPB/CNPq)^{[1][2]}; E-mail: eugeniovital@yahoo.com.br

Descrição

Neste Grupo de Trabalho pretende-se reunir discussões que abordem as dinâmicas atuais de organização da produção e das relações de trabalho, sob a ótica das formas de trabalho flexível, a exemplo da terceirização, da informalidade, do trabalho intermitente, trabalho a domicílio, por conta própria, uberização do trabalho, dentre outras expressões deste processo, que tornam predominantes a precarização das condições e relações de trabalho, com significativas perdas de direitos sociais para os(as) trabalhadores(as). Tais processos têm sido relacionados à dinâmica capitalista global de acumulação, expressa pelo poder do mercado financeiro sobre o setor produtivo. No Brasil, há evidências de alterações contínuas da estrutura do mercado de trabalho, historicamente heterogêneo e com frágeis instrumentos de proteção, cuja direção, especialmente no último triênio, tem se dado pela piora das condições de vida e trabalho de amplas parcelas da classe trabalhadora, principalmente os jovens, os negros e as mulheres, com efeitos diferenciados entre regiões e atividades econômicas, especialmente agravados pela Reforma Trabalhista e Regulamentação da Terceirização, que vêm sendo institucionalizadas no país. Desta forma, serão acolhidas comunicações que problematizem as fronteiras entre o trabalho formal e o informal; as novas morfologias de contratações; as velhas e novas desigualdades entre trabalhadores e gestores; as segmentações e as disparidades regionais de gênero, qualificação, renda, raça, geração e ocupações entre trabalhadores(as) dos diversos setores da atividade econômica. Portanto, artigos com resultados parciais e finais de pesquisas empíricas e/ou ensaios teóricos, inclusive de natureza interdisciplinar, serão bem-vindos.

Grupo de Trabalho 12

Análise reflexiva da prática nas organizações: contemplando diferentes áreas do conhecimento

Coordenadores

- Raquel Dorigan de Matos. Doutora em Administração. Unicentro. raqueldorigan@uol.com
- Liliane Canopf. Doutora em Administração. UTFPR. liliane-cefet@hotmail.com
- Yára Lúcia Mazziotti Bulgacov. Doutora em Educação. UP. ybulgacov@gmail.com
- Rafael Carvalho Machado. Doutorando em Administração. UP. rafael.machado@gmail.com

Descrição

Analisar as organizações em suas diversas concepções, as organizações produtivas, bem como as organizações não convencionais. Entende-se a organização como um fenômeno social, concreto, histórico e dialético; um elemento da sociedade que está sempre em estado de tornar-se, produto do processo de construção social e intersubjetivo e de produção de subjetividades, sentidos, invenções e reproduções. Nela, densos processos cotidianos se interconectam em vozes, lugares e momentos diferentes.

Toma-se como unidade de análise o conceito de prática social conforme compreendido pela Psicologia Social, Cultural e Histórica. São consideradas as várias perspectivas teóricas das teorias da prática. São bem-vindos temas que apresentem metodologias, métodos e técnicas de pesquisa que apresentem uma prática reflexiva, libertadora, expansiva e engajada, que façam o enfrentamento da dicotomia entre o sujeito que pensa e o que executa. Por conseguinte, pensando a prática social e a produção de subjetividade de forma interdisciplinar.

Grupo de Trabalho 13

Diálogos sobre o trabalho

Coordenadores

- Andrea Poletto Oltramari. Doutora em Administração. UFRGS. andreaoltr@gmail.com
- Admardo Bonifácio Gomes Júnior. Doutor em Educação e Filosofia. CEFET-MG. admardo.jr@gmail.com
- Fernanda Tarabal Lopes. Doutora em Administração. UFRGS. fernanda.tarabal@ufrgs.br
- Ludmila de Vasconcelos Machado Guimarães. Doutora em Administração. CEFET-MG. ludmilavmg@gmail.com

Descrição

Nosso intuito com este grupo de trabalho é dar continuidade aos diálogos iniciados nos III, IV e V CBEO, trazendo novamente para a discussão, no âmbito dos Estudos Organizacionais, as perspectivas de compreensão do trabalho humano conhecidas como "Clínicas do Trabalho". Uma abordagem Clínica sempre busca compreender o que faz a singularidade radical de uma situação, problema, ou mal-estar, de grupos ou pessoa. Uma Clínica do Trabalho dirige sua atenção para as singularidades expressas nas atividades de trabalho. Como sabemos, são muitas e diferenciadas as possibilidades de pesquisa e intervenção sob as orientações das abordagens que se reconhecem como "Clínicas do Trabalho", as quais destacamos: a Clínica da Atividade, a Psicodinâmica do Trabalho, a Ergologia, a Psicossociologia, a Psicanálise em Extensão, dentre outras. Intentamos explorar como encaminham, em cada

abordagem, as pesquisas e investigações: Com que métodos? Munidos de quais conceitos e construtos teóricos? Na expectativa de que tipo de resultados? As possibilidades de compreensão do trabalho por meio das abordagens clínicas têm sido cada vez mais recorrentes no campo dos Estudos Organizacionais, e mostram-se um caminho profícuo e aprofundado para se tratar as mais diversas possibilidades de relações estabelecidas do homem, com e no trabalho. Além das abordagens específicas mencionadas, são também bem-vindas propostas que dialogam sobre o trabalho humano em suas diversas facetas, tais como: as circunstâncias pelas quais o trabalho é construído e reconstruído; a produção social de sofrimento no trabalho; os aspectos criativos e construtivos do sujeito em sua experiência no trabalho; significados simbólicos atribuídos ao trabalho, processo e organização; as relações de trabalho em uma concepção crítica e dialógica. Assim, queremos oportunizar aos estudiosos que já se orientam nessas vertentes um espaço para o debate e a reflexão, e para a comunidade em geral, a possibilidade de conhecimento nessa área de investigação.

Grupo de Trabalho 14

Relações de poder no organizar (extra)ordinário da vida cotidiana

Coordenadores

- Alexandre de Pádua Carrieri, Dr. UFMG. aguiar.paduacarrieri@terra.com.br
- Nathalia de Fátima Joaquim, Dra. UFLA. nathaliafjoaquim@hotmail.com
- Luiz Alex Silva Saraiva, Dr. UFMG. saraiva@face.ufmg.br

Descrição

A proposta deste GT é trabalhar, de forma interdisciplinar, a ressignificação do conceito de gestão, a partir das histórias, memórias, práticas e relações de poder imbricados no cotidiano das manifestações sociais (tradicionais) da sociedade. Significa pensar a gestão como ordinária, expandindo as possibilidades do que seja gerir, organizar e administrar. Por um lado, caracteriza as impossibilidades e as limitações da gestão instrumental para fazer frente à realidade da organização da maior parte dos grupos sociais e, por outro, o interesse de aproximação com o cotidiano nas formas de organizar. A categoria “gestão ordinária” parte da desconstrução do termo e de seus usos predominantes na administração, de forma a deslocá-los dos contextos dominantes nos quais foram dispostos como instrumentos de poder. Propõe-se aqui o estudo do ordinário, com foco na mulher/homem comum em suas práticas, saberes e relações de poder que caracterizam um gerir particular que se realiza cotidianamente. O olhar também se dirige ao mundo cotidiano, abrigo de uma produção ilimitada de racionalidades, de temporalidades e espacialidades diferenciadas e que, por sua heterogeneidade, se caracteriza pela possibilidade, pelo devir nas e das relações sociais.

Grupo de Trabalho 15

Modos coletivistas de organização e economia popular solidária – dinâmicas, especificidades e contradições

Coordenadores

- Ana Beatriz Trindade de Melo. PUCMINAS. melo.ana.bh@gmail.com
- Carlúcia Maria Silva. UEMG. carlucia.silva@uemg.br
- Gilberto Braga Pereira. FUNCESI. gilberto.pereira@funcesi.br

Descrição

A Economia Popular Solidária se desenvolveu no Brasil de forma esparsa nos anos 1980, ganhando impulso a partir da segunda metade da década de 1990. Neste contexto, o desemprego estrutural, a informalidade e a precarização do trabalho atingiam patamares alarmantes, levando a difusão de um exército pós-industrial de reserva formado por trabalhadores desprotegidos pelo Estado e excluídos do mercado. As iniciativas de Economia Popular Solidária se consolidaram num panorama de profunda crise do trabalho assalariado. Pessoas que perderam seus empregos e não conseguiam se reinserir no mercado, além daquelas que sempre viveram na informalidade constituíram uma rede diversificada de atividades voltadas para geração de trabalho e renda com base na autogestão, sustentabilidade e cooperação. O desenvolvimento destas iniciativas vem chamando a atenção de vários estudiosos e pesquisadores para retomada e reconfiguração de problemáticas relevantes no mundo do trabalho como cooperativismo, associativismo e formas coletivista de produção e gestão. Os debates atualmente travados apontam para um grande desafio: apontar as particularidades e contradições destes empreendimentos em relação à sua história, organização interna, atores sociais envolvidos, inserção no mercado, articulações com entidades de apoio e poder público. Discutir as novas configurações do trabalho, bem como possíveis modalidades de organização de trabalhadores desempregados, buscando assim compreender e analisar as diversas iniciativas da denominada Economia Popular Solidária, bem como promover o debate atentando para processos organizacionais e estratégias sociopolíticas inovadoras no que diz respeito às lutas por trabalho e geração de renda, reconhecimento, emancipação e fortalecimento da cidadania constituem os principais objetivos desta proposta. Serão bem-vindas, reflexões sobre autogestão e o papel das organizações coletivas no desenvolvimento e dinamização socioeconômica e ambiental dos territórios, bem como nas relações interpessoais e de constituição da subjetividade humana. O eixo engloba ainda trabalhos e debates relativos a reflexões analíticas sobre a dinâmica conceitual referente a Economia Popular Solidária, sua pluralidade de manifestações empíricas e organização do movimento cooperativista. Pretende-se também discutir o papel do Estado no fomento e consolidação dos empreendimentos econômicos solidários, bem como suas estratégias organizativas e lutas por cidadania e reconhecimento. O presente GT objetiva também, discutir a interface ações extensionistas e o papel social

e político da Universidade. Reflexão e debate que serão norteados pelas seguintes temáticas:

- Transformações no mundo do trabalho, cooperativismo e Economia Popular Solidária;
Educação, trabalho auto gestor e a organização dos trabalhadores em busca de democracia participativa, emancipação e cidadania;
- Experiências de novas formas de organização [e de gestão] de trabalhadores informais, tais como Economia Popular Solidária, empresas recuperadas por trabalhadores e outras formas associativas;
- Ações extensionistas e interfaces Universidade e Comunidade.

Grupo de Trabalho 16

Estratégia, Organizações e Interculturalidade

Coordenadores

- Janaína Maria Bueno, Dra. UFU. janaina.bueno@ufu.br;
- Carlos Roberto Domingues, Dr. UFU. carlosdomingues@yahoo.com;
- Michel Mott Machado, Dr. CEETEPS. michelmottmachado@gmail.com.
- Adriana Roseli Wünsch Takahashi, Dra. UFPR. adrianarwt@gmail.com

Descrição

Em um ambiente de competição e mercados internacionais, as preocupações sobre gestão organizacional e as ciências administrativas e organizacionais têm se encaminhado para compreender os percursos dos negócios internacionais; a capacidade das empresas se envolverem em atividades globais; a dinâmica da globalização com a economia, a política, a cultura e a tecnologia globais; implicações às organizações na perspectiva da responsabilidade social, da estrutura e da estratégia organizacional, entre outros aspectos (PARKER, 2014). De fato, reconhece-se que a mundialização da economia tem trazido para as organizações oportunidades e desafios, sendo que de um ponto de vista da gestão humana e social nas organizações, a multinacionalidade passa a ser uma característica de empresas multinacionais e nacionais que contemplam em seus quadros profissionais de várias nacionalidades (TEIXEIRA; PAZ; ARAÚJO; MACHADO, 2017), de modo que tem-se considerado a mobilidade como um capital simbólico no mundo organizacional (FREITAS, 2009). Ademais, diante desse contexto global, é preciso refletir sobre os pontos de contato entre a gestão internacional e a cultura nacional/regional/local (DOMINGUES; BUENO, 2008), pois verifica-se a ampliação das estratégias de internacionalização das empresas. Dentro da perspectiva denominada "estratégica", por exemplo, a expatriação é vista como uma ação voltada a um modelo de gestão de pessoas que pretende desenvolver nos executivos, competências do chamado "executivo global",

isto devido à necessidade de alcançar vantagem competitiva por meio das competências individuais e da organização (HOMEM; TOLFO, 2008; STROH; CALIGIURI, 1998; BLACK; GREGERSEN, 1999; CALIGIURI; STROH, 1995). Nessa mesma direção, Black e Gregersen (1999) e Halcrow (1999), sinalizaram as principais razões pelas quais as empresas enviam expatriados ao estrangeiro: abrir novos mercados; facilitar fusões e aquisições; aumentar *market share* ou barrar o avanço de concorrentes; desenvolver visão estratégica de negócios no país de destino; instalação de tecnologias e de sistemas; aumento da inovação; desenvolvimento de liderança global; transferência de conhecimentos para os profissionais locais; entre outras. Acredita-se, portanto, que se faz necessário refletir sobre essas e outras questões relevantes, a partir de diferentes abordagens epistemológicas, teóricas e/ou metodológicas, a fim de possibilitar um aprofundamento da reflexão sobre as organizações, suas estratégias, bem como de uma possível gestão em contexto intercultural (DAVEL; DUPUIS; CHANLAT, 2008). Assim, admitindo-se a abrangência disciplinar/interdisciplinar do termo "estratégia", o GT "Estratégia, Organizações e Interculturalidade", tendo por base uma perspectiva estratégica, busca ampliar e aprofundar o conhecimento sobre as práticas organizativas voltadas à gestão intercultural nas organizações, sendo alguns dos principais temas de interesse: intensificação de missões internacionais e do trabalho em equipes multiculturais; formação e trabalho de equipes multiculturais; programas de treinamento para desenvolvimento da sensibilidade intercultural ou de competências específicas; trabalho em equipes multiculturais e desempenho organizacional; gestão em contexto intercultural e competitividade; desenvolvimento das competências do executivo global; comunicação em ambientes multiculturais ou interculturais; gestão da expatriação e da repatriação; consequências da mobilidade profissional às organizações e para os sujeitos; competências interculturais; as carreiras internacionais; competências e papel dos gestores em ambientes multiculturais; representações sociais do estrangeiro e do grupo; dilemas e as ambiguidades no cotidiano intercultural; aquisição e transferência de conhecimento intercultural; sensibilidade, inteligência e competência e a necessidade de tempo e espaço para esta reflexão nas organizações; gestão internacional, cultura local e regional; interações culturais intranacionais; interculturalismo e multiculturalismo; perspectivas latinas em estudos multi e interculturais no âmbito das organizações.

Referências

- BLACK, J.S.; GREGERSEN, H.B. The right way to manage expats. **Harvard Business Review**, n. 77, v. 2, p. 52-60, 1999.
- CALIGIURI, P.M.; STROH, L.K. Multinational corporation management strategies and international human resources practices: bringing IHRM to the bottom line. **International Journal of Human Resources Management**, v. 6, n. 3, p. 494-507, 1995.
- DAVEL, E.; DUPUIS, J-P.; CHANLAT, J-F. **Gestion em contexte interculturel: approches, problématiques, pratiques et plongées**. Quebec: Presses de l'Université Laval e Télé-Université, 2008.
- DOMINGUES, C.R.; BUENO, J.M. Gestão internacional e cultura nacional brasileira: retratos das abordagens e pontos de contato. **REBRAE – Revista Brasileira de Estratégia**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 89-105, jan/abr 2008.
- FREITAS, M. E. A mobilidade como novo capital simbólico nas organizações ou sejamos nômades? **Organizações & Sociedade**, v. 16, n. 49, p. 247-264, 2009.

- HALCROW, A. Expats: the squandered resource. **Workforce**, n. 78, v. 4, p. 42-52, 1999.
- HOMEM, I. D.; TOLFO, S. R. Práticas de gestão internacional de pessoas: compensação e seleção de expatriados em uma multinacional brasileira. **RAC-Eletrônica**, v. 1, n. 2, 2008.
- PARKER, B. Evolução e revolução: da internacionalização à globalização. In CLEGG, S.R.; HARDY, C.; NORD, W.R. (Orgs.). **Handbook de estudos organizacionais**. São Paulo: Atlas, 2014.
- STROH, L. K.; CALIGIURI, P. M. Strategic human resources: a new source for competitive advantage in the global arena. **International Journal of Human Resource Management**, v. 9, n. 1, p.1-17, 1998.
- TEIXEIRA, M.L.M.; PAZ, M.G.T.; ARAÚJO, B.F.V.B.; MACHADO, M.M. Expatriates: The Multinationality of Multinational and National Firms. In NEIVA, E.R.; TORRES, C.V.; MENDONÇA, H. (Orgs.). **Organizational Psychology and Evidence-Based Management**. Springer International Publishing, 2017.

Grupo de Trabalho 17

Comportamento Humano, Organização e Trabalho

Coordenadores

- Kely César Martins de Paiva. Doutora em Administração. UFMG. kelypaiva@face.ufmg.br
- Jair Nascimento Santos. Doutor em Administração. UNIFACS. jair.santos@unifacs.br
- Jesuína Maria Pereira Ferreira. Doutora em Administração. Centro Universitário UNIFBV. jesuinna@gmail.com
- Milka Alves Correia Barbosa. Doutora em Administração. UFAL. milka.correia@gmail.com

Descrição

O objetivo do grupo temático será incentivar as discussões em torno do campo do "Comportamento Humano, Organização e Trabalho", promovendo debates integrados entre subtemas tradicionais e contemporâneos. Toda organização se constitui a partir das ações dos sujeitos, tornando fundamental os estudos e pesquisas sobre comportamento humano e trabalho em organizações. As formas de organizar o trabalho engendram subjetividades próprias do comportamento humano, de maneira que é possível refletir sobre um conjunto de particularidades neste tema. Este GT tem por finalidade debater não o desenvolvimento de técnicas de aperfeiçoamento da organização e do processo de trabalho, mas as contribuições para o desenvolvimento humano na perspectiva comportamental. As pesquisas nesta área não são recentes, mas têm ganhado impulso no Brasil devido a diversos aspectos: na academia, as dificuldades em torno de delimitações conceituais e de campos de pesquisa têm

privilegiado alguns temas em detrimento de outros e, em ambos os casos, contribuído para avanços nas políticas e práticas de gestão aquém de seu potencial, no interior das organizações; já nestas, percebe-se tanto o tratamento superficial e ideológico dessas questões como o despreparo dos responsáveis pela gestão de pessoas em lidar com os processos envolvidos, suas causas e consequências. Considera-se fundamental conhecer não apenas os resultados das pesquisas, mas também os aportes metodológicos que têm permitido aos pesquisadores se aproximarem dos fenômenos em foco, melhor delimitarem e aprofundarem nas temáticas, ampliarem as discussões e contribuir para a difusão desse conhecimento, extremamente útil aos estudos sobre trabalho e comportamento humano nas organizações, especialmente as brasileiras. Em princípio, sugere-se a submissão de artigos que tratem de: trabalho e valores pessoais, profissionais e organizacionais; trabalho e vínculos organizacionais nas relações de trabalho (comprometimento, entrincheiramento, consentimento); qualidade de vida no trabalho, estresse ocupacional e síndrome de *burnout*; justiça organizacional, atitudes retaliatórias e retaliação no trabalho; prazer e sofrimento no trabalho; suporte organizacional, social e no trabalho; sentidos e significados do trabalho; resiliência organizacional, sistêmica e individual; percepções temporais, organização e trabalho. Estudos que considerem aspectos críticos relacionados aos descritos também são bem-vindos, assim como os de aportes metodológicos tradicionais e diferenciados e, também, outros que tangenciem os subtemas e sejam considerados pertinentes à temática principal.

Grupo de Trabalho 18

Crimes, ditadura e negócios: *modus operandi* da violência nas organizações

Coordenadores

- Alessandra de Sá Mello da Costa. Doutor em Administração. IAG/PUC-Rio. alessandra.costa@iag.puc-rio.br
- Cintia Rodrigues de O. Medeiros. Doutora em Administração. UFU. cintia@ufu.br
- Francis Kanashiro Meneghetti. Doutor em Educação. UTFPR. fkmeneghetti@gmail.com
- Rafael Alcadipani. Doutor em Administração. FGV EAESP. rafael.alcadipani@fgv.br

Descrição

Este GT pretende discutir os *modi operandi* da produção da violência nas e pelas organizações e seus desdobramentos, seja contra o trabalhador, seja para além dele. Em concordância com o Eixo Temático Violência, os coordenadores deste GT entendem que a violência nas/das organizações tem implicações mais amplas, como, por exemplo, “o estabelecimento de uma política de terror social, a prática da aniquilação do humano e a instituição do mal” (Meneghetti, 2018). O GT adota como referência inicial as abordagens críticas e históricas, não desprezando outras

abordagens teóricas. Dentre outros aspectos, pretende-se analisar os seguintes fenômenos: organizações criminosas, crimes, crimes corporativos, genocídios, colaborações de empresas com regimes ditatoriais, violação dos direitos humanos dos trabalhadores, ética e responsabilidade histórica corporativa, etc. Em suma, o GT “Crimes, ditadura e negócios: *modus operandi* da violência nas organizações” pretende estudar as diversas configurações da violência produzida nas e pelas organizações, em suas variadas modalidades e manifestações, analisando-a como elemento constituinte dos processos organizacionais, e não como um fenômeno acidental e casual.

Referências

Meneghetti, F. K.(2018). Organizações Totalitárias: 'Modus Operandi' e Fundamentos. **Revista de Administração Contemporânea**, 22(6), 841-858.

Grupo de Trabalho 19

Animais e organizações

Coordenadores

- Daniel de Almeida Pinto Kirjner. Dr. (Sociologia). SESC/DF. fermilino@gmail.com
- Loraine de Fátima Oliveira. Dra. (Filosofia/UFMG). UFPE. loraineoliveira13@gmail.com
- Francisco José Sobreira de Matos. Me. (Filosofia/UFPE), UFPE, franzeh@hotmail.com

Descrição

“Escândalos alimentares”, surtos de doenças como “vaca louca”, tratamento cruel, experimentação animal, entre outros, são apenas alguns exemplos da relevância de discutir a relação entre os animais e as organizações (LABATUT, MUNRO, DESMOND; 2016). Apesar de uma crescente demanda das organizações sobre os animais, segundo Hannah & Robertson (2016), praticamente não recebeu atenção de estudiosos da área de gestão. Fundamentalmente à uma exclusão até agora da discussão de animais dentro da teoria organizacional” (LABATUT, MUNRO, DESMOND; 2016). Só recentemente, há um início de discussão sobre a relação entre animais e organizações, especialmente a partir de 2014, com a criação do subtema no LAEMOS: Animais e Organizações, que foi organizado pelos mesmos editores da edição especial do Journal: Organization, em maio de 2016: Animais e Organizações e para a 34ª edição do Standing Conference on Organizational Symbolism (SCOS) com o tema: O Animal e o 35º, em 2017: Carne: Carne e organização. O SCOS 2016 gerou uma edição especial no periódico Culture and Organization, em julho de 2018. Apesar desses esforços recentes, a relação entre animais e organizações pode ainda ser muito mais estudada, de várias formas possíveis. Por esse motivo, convidamos trabalhos críticos ou interpretativos que aprofundem essas discussões. Apesar de bem-vindas teorias

reconhecidas da perspectiva animalista (por exemplo, os trabalhos de: Adams, 1990, Regan, 2001, Singer, 2009, Joy 2012), outras perspectivas teóricas podem ser utilizadas. A submissão de trabalhos está aberta a uma variedade de tópicos e temas relacionados ao ambiente organizacional, incluindo (mas não restringindo) os seguintes:

- Ética animal, direito dos animais, exploração e extinção animal
- O animal e a moralidade: empatia, compaixão, cooperação
- Questões filosóficas e ideológicas sobre o consumo de animais
- Vegetarianismo, veganismo, dietas “limpas” e alimentos crus, os mercados e a mercantilização dessas práticas
- O lado sombrio da indústria de exploração animal
- Corrupção, crime organizacional, fraude, conspiração, manipulação política na indústria animal
- Ocultação e distorção da realidade sobre o tratamento de animais por indústria
- Estratégias de marketing e ações organizacionais por trás do uso de termos tais como: bem-estar animal, abate humanitário, vacas felizes etc.
- Escândalos na indústria de alimentos (por exemplo, vaca louca, carne de cavalo, operação de carne fraca) e alternativas agrícolas/alimentares
- Tecnologias de horror e os horrores da tecnologia
- O animal e a tecnologia: experimentação animal e testes alternativos
- Impactos sociais e ambientais da produção de animais para consumo humano
- Organizações de direitos animais, movimentos sociais e interseccionalidade: as ligações entre o movimento dos direitos dos animais e outras organizações emancipatórias
- Industrialização da produção animal: tecnologias do capitalismo, globalização e animais
- Relação entre exploração animal e precariedade do trabalho humano na indústria animal
- Trabalho sujo, trabalhadores em matadouros e frigoríficos: efeitos físicos e psicológicos sobre os trabalhadores desta indústria
- Análise de metáforas como homem tipo bovino (homem ideal), capital (cabeça de gado) etc.
- A influência dos consumidores e da sociedade na indústria pecuária: Consumo consciente, boicote, ação direta, influência da mudança na legislação e assim por diante.

Referências

ADAMS, C. J. *The sexual politics of meat: a feminist-vegetarian critical theory*. New York: **Bloomsbury Revelations**, 1990.

HANNAH, D. R.; ROBERTSON, K. Human-animal work: a massive, understudied domain of human activity. **Journal of Management Inquiry**, 27: 1-3, 2016.

JOY, M. *Why we Love Dogs, Eat Pigs and Wear Cows: An Introduction to Carnism, the Belief System that Enables us to Eat Some Animals and Not Others*. Newark: **Audible Inc.** 2012.

LABATUT, J., MUNRO, I.; DESMOND, J. Animals and Organizations. **Organization**, 23 (3): 315-329, 2016.

SINGER, P. Animal Liberation: the definitive classic of the animal movement. [Animal Liberation] New York: **HarperCollins**, 2009.

REGAN, T. Defending Animal Rights. Illinois: **University of Illinois Press**, 2001.

Grupo de Trabalho 20

Políticas públicas e lutas sociais: mudanças, organização e perspectivas

Coordenadores

- Renato Luis Pinto Miranda. Doutor. UFAL. renatoluism@gmail.com
- Rodrigo Gameiro Guimarães. Doutor. UFAL. rgameiro@gmail.com
- Rosimeri Carvalho da Silva. Doutora. UFRGS. rosimeri.carvalho@ufrgs.br
- Sueli Goulart. Doutora. UFRGS. sueli.goulart@ufrgs.br

Descrição

O propósito deste Grupo de Trabalho é incitar a análise da relação entre as lutas sociais (por direitos, por transformações) e as políticas públicas (sociais e suas respectivas mudanças), nas suas distintas manifestações e processos. Privilegiamos investigações e análises que focalizem as tensões entre a ação do Estado e os grupos sociais reivindicatórios e também as mudanças, organização e perspectivas de ambos, preferencialmente em interação. Esperamos trabalhos (ou pesquisas em construção) que contemplem a análise crítica de políticas que, via de regra, são construídas à sombra da burocracia estatal e que, se definem como liberais, inclusivas ou mesmo transformadoras, mas cujos mecanismos e aportes são meramente fenomênicos, produzindo o inverso do que propõem, como a exploração, a violência ou a repressão; a empresarização do atendimento a direitos constitucionalmente definidos; a precarização das relações de trabalho sob o fetiche do empreendedorismo individual etc. Igualmente são esperados trabalhos sobre movimentos, grupos ou segmentos que produziram transformações a partir das lutas contra os processos elencados acima, com características distintas, enfatizando diferentes aspectos, mas na direção da construção de outras possibilidades de organização que se oponham à apropriação privada dos bens comuns e trabalhem no sentido da construção coletiva de um mundo no qual se avance para a construção da igualdade substantiva. Dar visibilidade a estas lutas é tão importante quanto denunciar os processos de apropriação privada e destruição de laços e direitos dos quais temos sido espectadores e vítimas. Desse modo, consideramos relevante reunir, no âmbito deste GT, um conjunto de trabalhos e de pesquisadores que tragam estas temáticas para discussão e que, especialmente, analisem tais temáticas no contexto de países de capitalismo dependente. Assim, pretendemos atrair trabalhos (prontos ou em construção) que abordem questões como as abaixo sugeridas, além de outras que sejam aderentes à temática deste GT.

Deixamos em aberto as escolhas teóricas e metodológicas, mas priorizamos trabalhos claramente posicionados:

- Análise de políticas sociais como as de educação, cultura, saúde, trabalho, urbana etc.
- Precarização do trabalho e a resistência organizada dos trabalhadores;
- Neoliberalismo, políticas e implicações sociais;
- Transformações dos modelos de financiamento das políticas públicas;
- Financeirização dos direitos e políticas sociais;
- Lutas sociais específicas (do campo, das cidades, de moradia, etc.)
- Práticas organizacionais das lutas sociais
- Privatização nos setores da educação, da cultura, da saúde, do espaço público etc.

Grupo de Trabalho 21

Redes, inovações e organizações

Coordenadores

- Antonio Carlos Andrade Ribeiro. Doutor em Sociologia. Observatório de Inovações e Redes Organizacionais/Universidade Federal de Alfenas (OIRO/UNIFAL-MG). antonilos@gmail.com
- Davide Carbonai. Doutor em Sociologia Econômica. EA/UFRGS. davide.carbonai@ufrgs.br
- Velcimiro Inácio Maia. Doutor em sociologia. Departamento de Tecnologia em Engenharia Civil, Computação e Humanidades / Universidade Federal de São João Del Rei (DTECH/UFSJ). maia@ufs.edu.br

Descrição

O Grupo de trabalho **Redes, Inovações e Organizações** tem como objetivo debater modelos analíticos e resultados de pesquisas cujo foco consiste em redes intra e interorganizacionais, bem como inovações institucionais e sociais. Os trabalhos a serem discutidos no grupo podem ser enquadrados sobre o prisma de diferentes disciplinas, passando pela sociologia, ciência política, administração, economia e psicologia. O grupo pretende criar um espaço transdisciplinar que favoreça a disseminação de contribuições de diversas abordagens sobre o tema, contribuindo para o desenvolvimento criativo dos estudos organizacionais brasileiros sobre redes, inovações e organizações. Espera-se reunir, por um lado, trabalhos sobre redes de organizações públicas e privadas que conformam redes de políticas públicas, redes de movimentos sociais, redes de partidos políticos, redes de cidades, redes de organizações não governamentais e redes de empresas. Por outro lado, serão selecionados estudos sobre inovações institucionais e sociais que destaquem mecanismos associados às redes intra ou interorganizacionais. Pretende-se que as discussões realizadas no GT contribuam para o avanço do conhecimento acerca de

como operam os mecanismos de gênese, reprodução e difusão de redes organizacionais e inovações, bem como sobre a formação de laços em redes intra e interorganizacionais. Em um sentido geral, o GT priorizará pesquisas sobre o processo de **mudança institucional** e sobre o impacto da **desigualdade social** na configuração de redes intra e interorganizacionais. Pontualmente, interessa reunir trabalhos sobre a seleção social de parceiros, o impacto do capital social e da força dos laços sobre o desempenho de atores imersos em redes, a manifestação do efeito Mateus em sistemas de trocas intra e interorganizacionais, a solução de conflitos em redes e processos de isomorfismo e empreendedorismo institucional. Também serão incluídos trabalhos sobre as dimensões estrutural, espacial, relacional, cultural-cognitiva e política de redes organizacionais. Trabalhos teóricos que discutam temas como: agência-estrutura, cooperação-conflito, problemas de ação coletiva, poder em campos organizacionais, comparação entre os conceitos de redes, campos e ambientes organizacionais e outros temas relacionados. Por fim, cabe destacar que os coordenadores desta proposta desejam garantir uma identidade para o GT, qual seja: um grupo de estudos organizacionais que se apoia na metodologia da Análise de Redes Sociais. É desejável que os trabalhos apresentados nas seções do GT tenham por base os métodos, os conceitos, as medidas e as técnicas de tratamento de dados relacionais desenvolvidas pelos teóricos e pesquisadores da *Social Networks Analysis*, seja para descrever estruturas de redes intra ou interorganizacionais, para analisar a centralidade e o poder dos atores nas redes, para analisar subgrupos, posições e papéis nos sistemas relacionais ou para mensurar o impacto de relações interpessoais sobre a formação de laços organizacionais em redes multiníveis.

Grupo de Trabalho 22

Negócios sociais e sustentabilidade

Coordenadores

- Paulo Thiago Nunes Bezerra de Melo. Doutor em Administração. UFRPE. pthiagoadm@hotmail.com
- Carla Regina Pasa Gómez. Doutora em Engenharia de Produção. UFPE. carlapasagomez@gmail.com

Descrição

Este GT é o desenvolvimento do GT Ética Ambiental, que foi criado em 2018. O objetivo deste GT é discutir estudos que abordam a perspectiva negócios sociais, destacando as consequências das formas organizacionais para com o desenvolvimento sustentável. Nesse sentido, interessam estudos sobre organizações produtivas, não-produtivas e arranjos interorganizacionais de diferentes composições. O escopo deste GT também é composto por estudos que abordam os seres humanos como parte integrante do meio ambiente, em uma perspectiva ecocêntrica, discutindo o equilíbrio de suas necessidades e ações organizadas às dos demais seres vivos do planeta.

Também fazem parte do escopo deste GT os estudos sobre as estratégias orientadas para a base da pirâmide ou empreendimentos sociais, em suas diversas abordagens, incluindo aquelas que discutem modelos participativos. Os modelos de gestão pública também compõem o escopo de GT, com o interesse especial nos estudos sobre gestão de recursos hídricos, do saneamento básico e de resíduos sólidos. Estudos que tratam da relação das organizações no ambiente rural com o meio ambiente também são bem-vindos, discutindo tanto os sistemas agroindustriais quanto os diversos arranjos organizacionais na agricultura familiar. Os estudos que tratam das diferentes formas de agricultura sustentável, como alternativas interessadas no equilíbrio entre questões relacionadas à saúde ambiental, justiça social e viabilidade econômica, também compõem o escopo deste GT. Também são do interesse deste GT os estudos que abordam o papel das estratégias e das comunicações organizacionais na sociedade do consumo, promovendo um debate sobre os padrões do comportamento consumidor e suas relações com o meio ambiente. São bem-vindos estudos que analisam as dinâmicas hegemônicas de varejo e o surgimento de alternativas à luz dos seus impactos para o desenvolvimento sustentável. Nesse sentido, também são bem-vindos estudos que discutem a importância das organizações coletivistas de consumo, sejam deliberadas ou não, que incentivam o consumo compartilhado. Nos espaços públicos e comunitários, o cuidado para com o meio ambiente pode ser fortalecido por meio de um comprometimento mais forte com as responsabilidades de cidadania, que assumem papéis relevantes no alcance do desenvolvimento sustentável. Assim, os estudos sobre a cidadania e seus papéis nos cuidados para com o meio ambiente também compõem o escopo deste GT, incluindo as organizações não governamentais e lideranças comunitárias. Nesse sentido, os estudos sobre os cuidados com a água e com os resíduos também são do interesse deste GT. Ainda fazem parte do escopo deste GT os estudos que discutem processos de elaboração, avaliação e/ou acompanhamento da sustentabilidade no desenvolvimento local a partir do envolvimento dos atores da comunidade. Por fim, também são do interesse deste GT as discussões sobre negócios sociais em nível global, analisando as organizações que estabelecem uma ordem mundial para além dos limites nacionais, sejam organizações intergovernamentais, ONGs ou empresas multinacionais.

III - TIPOS DE TRABALHOS QUE ATENDEM A ESTA CONVOCATÓRIA

- Resumos expandidos (com pelo menos duas mil e até três mil palavras).
- Trabalhos em construção (com pelo menos três mil e até cinco mil palavras).
- Textos completos (com pelo menos seis mil e até nove mil palavras).
- Síntese de pesquisa para banner (com pelo menos mil e até duas mil palavras).

IV - ORIENTAÇÕES PARA A SUBMISSÃO DE TEXTOS AOS GRUPOS DE TRABALHO

- Os trabalhos deverão ser encaminhados a link de submissão que consta no site do evento (<http://www.sbeo.org.br/web/index.php/cbeo/vi-cbeo-recife>), **até o dia 31 de maio de 2019**, com o título “Submissão de texto completo – GT [número do grupo de trabalho]”, “Submissão do trabalho em construção – GT [número do grupo de trabalho]”, “Submissão do resumo expandido – GT

[número do grupo de trabalho]" ou "Submissão de síntese de pesquisa para banner – GT [número do grupo de trabalho].

- O autor responsável pela submissão deverá informar em campos específicos no sistema eletrônico: título do texto, seguido do nome completo do(s) autor(es), nome da instituição (por extenso) a que se vincula(m) o(s) autor(es), e-mail do(s) autor(es), resumo (10 a 15 linhas) e palavras-chave (entre três e cinco).
- Autoras e autores devem garantir total impossibilidade de sua identificação no artigo submetido, inclusive nas configurações do arquivo, de forma a garantir a "avaliação cega" do documento. Será gerada automaticamente uma folha de rosto com os dados prestados no sistema.
- Os textos submetidos serão analisados, em cada grupo de trabalho, por uma comissão específica, composta por especialistas no tema. As propostas serão avaliadas considerando seu teor, relevância, contribuição para os estudos organizacionais e aderência ao grupo de trabalho.
- Cada autor pode submeter no máximo dois textos aos grupos de trabalho, sem diferenças entre autoria e coautoria.
- Cada texto deve ser submetido a apenas um grupo de trabalho.
- Os artigos devem ser inéditos e assim o permanecerem até o final do VI CBEO.
- Os textos devem ser submetidos exclusivamente em formato PDF. Não são aceitas submissões em formato DOC ou DOCX.
- Os textos devem ser redigidos em português ou espanhol com redação, ortografia e normalização adequados, pois a versão enviada será definitiva, não sendo permitida a substituição do texto encaminhado.
- A critério dos grupos de trabalho, podem ser aceitos textos em outros idiomas, desde que atendidos os critérios de avaliação definidos pelos próprios grupos de trabalho.
- Os textos devem ter a autoria definitiva no momento da submissão, pois não será permitida a inclusão de autores posteriormente.
- Os arquivos dos textos enviados devem estar livres de vírus. Trabalhos eventualmente infectados serão excluídos do processo de avaliação.
- No caso dos resumos ampliados, o texto deve ser redigido em Times New Roman (tamanho 12) e ter pelo menos duas mil, e até três mil palavras, incluindo notas de rodapé e referências. Os elementos que devem constar em um resumo ampliado são: contextualização, objetivos, metodologia (se for o caso), resultados ou resultados esperados (se for o caso), e conclusões e referências.
- No caso dos textos em construção, o texto deve ser redigido em Times New Roman (tamanho 12) e ter pelo menos três mil, e até cinco mil palavras, incluindo notas e referências. Os elementos que devem constar em um texto em construção são: contextualização, objetivos, metodologia (se for o caso), resultados ou resultados esperados (se for o caso), e conclusões seguidas de

referências. Apenas os resumos dos textos em construção serão publicados nos anais, uma vez que se considera o espaço para apresentação e discussão no âmbito do evento suficiente.

- No caso dos textos completos, o texto deve ser redigido em Times New Roman (tamanho 12) e ter pelo menos seis mil, e até nove mil palavras, incluindo notas e referências. Os elementos que devem constar em um texto completo dependem da sua natureza e propósitos, embora se espere que estejam conforme o esperado neste tipo de texto.
- As sínteses de pesquisa para banner fazem parte de uma nova modalidade de publicação no VI CBEO, com foco inicial na divulgação do resultado de pesquisas fruto de programas de iniciação científica e de trabalhos de conclusão de curso de graduação, as quais comporão mostra expositiva de banners presencial e/ou virtual. O texto das sínteses de pesquisa deve ser redigido em Times New Roman (tamanho 12) e ter pelo menos mil, e até duas mil palavras, incluindo notas de rodapé e referências. Os elementos que devem constar na síntese de pesquisa são: contextualização, objetivos, metodologia (se for o caso), resultados ou resultados esperados (se for o caso), conclusões e referências. Os trabalhos selecionados para mostra receberão, posteriormente à divulgação das sínteses selecionadas, modelo e instruções de formatação e impressão dos banners. Salienta-se que a responsabilidade e os custos para impressão do banner são de responsabilidade do(s) autor(es) do trabalho. O(s) autor(es) deverá(ão) indicar no ato da submissão a modalidade de exposição do banner, se presencial e/ou virtual.
- Notas de rodapé são aceitas, desde que usadas com parcimônia e que tenham conteúdo explicativo. Não se deve usar notas de rodapé para fazer citações.
- As referências devem ser feitas no corpo do texto, e obedecer à ABNT ou à APA, limitando-se ao material utilizado na confecção do texto.
- A submissão de textos aos grupos de trabalho não implica aceitação, tendo os grupos de trabalho autonomia no processo de seleção do material a ser publicado.
- A inclusão do texto nos anais do VI CBEO está condicionada à apresentação do trabalho e o pagamento da tarifa relativa à taxa de inscrição no evento.
- A apresentação de trabalho nos grupos de trabalho durante do VI CBEO precisa ser necessariamente feita pelo menos por um dos autores do texto.
- No caso das sínteses de pesquisa para banner, o(s) autor(es) do texto selecionado deverá(ão) indicar desde a submissão a modalidade da mostra a qual o trabalho será exposto, se presencial e/ou virtual. Caso apenas a modalidade virtual seja escolhida, a exposição do banner estará condicionada à inscrição de pelo menos um autor. A mostra virtual será disponibilizada no site do evento a partir do primeiro dia de congresso.
- Terá(ão) direito ao(s) certificado(s) de participação apenas o(s) autor(es) presentes na apresentação do trabalho, e que tenham assinado a lista de presença na sessão de apresentação.

V PUBLICAÇÃO

Para serem publicados nos anais do VI Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, os textos precisam ter sido enviados em formato de resumo ampliado ou em formato de texto completo, revisados pelos próprios autores, até a data limite prevista no cronograma, ter sido aprovados pelos grupos de trabalho, inscritos (com as taxas devidamente pagas) e apresentados durante o evento. Os anais do VI CBEO serão divulgados publicamente. A partir da submissão de quaisquer textos, entende-se como automática a cessão dos direitos de divulgação científica para a SBEO.

Além da publicação nos anais do evento, apresentamos, como mais uma novidade do VI Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais (CBEO), a proposta do Processo de Disseminação do Conhecimento por Impactos Sociais e Acadêmicos (PDCISA).

Com o PDCISA buscamos construir uma alternativa aos processos tradicionais de *fast track* em periódicos científicos, habitualmente baseados em métricas meritocráticas e com foco sobretudo na academia. Almejamos, com o PDCISA, a construção coletiva de indicadores qualitativos dos possíveis impactos sociais e acadêmicos do conhecimento produzido no campo de EO, bem como a disseminação do conhecimento nos periódicos parceiros do VI CBEO (em breve divulgaremos a lista completa).

No momento da submissão dos artigos aos GTs, os autores/as optarão pela escolha de dois periódicos de seu interesse. Os/as coordenadores dos GTs do VI CBEO deverão avaliar para cada artigo submetido entre três possibilidades: 1) Aprovado para publicação nos anais do evento; 2) Aprovado para publicação nos anais do evento e enviado para o PDCISA; e 3) Recusado para publicação nos anais do evento.

Caso a resposta for item 2, cabe à coordenação do GT avaliar a adequação entre o escopo/Qualis da revista sugerida e validar a escolha do autor. Ou sugerir uma nova Revista/Qualis para o autor que poderá aceitar ou não a sugestão.

Segue lista de periódicos parceiros do VI CBEO:

- Cadernos Ebape.br
- Revista de Administração Contemporânea (RAC)
- Administração Pública e Gestão Social
- Revista de Administração Mackenzie
- Revista Observatório
- Revista de Gestão USP (REGE)
- Revista de Administração FACES
- Gestão & Planejamento
- Desenvolvimento em Questão
- Perspectivas Contemporâneas – Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas
- GESTÃO.Org
- Ciência e Trópico
- Revista Eletrônica do Mestrado Profissional em Administração da UnP (RAUNP)
- Revista Brasileira de Estudos Organizacionais (RBEO)
- Id Online - Revista Multidisciplinar e de Psicologia

VI INSCRIÇÕES E TARIFAS

As inscrições para o VI CBEO terão os seguintes valores:

		Associado à SBEO ¹	Não associado à SBEO
Professor/Pesquisador	Até 05/07/2019	R\$ 180,00	R\$ 300,00
	Entre 06/07/2019 e 20/08/2019	R\$ 220,00	R\$ 360,00
	Após 20/08/2019	R\$ 400,00	R\$ 600,00
Estudante Pós-graduação	Até 05/07/2019	R\$ 70,00	R\$ 170,00
	Entre 06/07/2019 e 20/08/2019	R\$ 110,00	R\$ 220,00
	Após 20/08/2019	R\$ 250,00	R\$ 400,00
Estudante Graduação	Até 05/07/2019	R\$ 50,00	
	Entre 06/07/2019 e 20/08/2019	R\$ 80,00	
	Após 20/08/2019	R\$ 120,00	

¹ Válido para associações realizadas até 31 de maio de 2019.

Observações

- As inscrições se referem à inscrição do evento. Despesas com deslocamento, hospedagem e alimentação são por conta dos participantes. Em momento oportuno, serão disponibilizados no *site* do evento sugestões de deslocamento, alimentação e locais de hospedagem.
- A inscrição no congresso só será confirmada após o pagamento da taxa de inscrição, conforme instruções que acompanharão a carta de aceite do trabalho.
- O VI CBEO já começa suas atividades no dia 28 de agosto pela manhã, e tem cerca de dez horas diárias de atividades variadas. Como o espaço de que dispomos é limitado, recomendamos a todos os participantes que, se possível, cheguem ao Recife na terça-feira, 27 de agosto de 2019, e que retornem após o encerramento do evento.

VII CRONOGRAMA ATUALIZADO DO VI CBEO

Atividade	Data final
Publicação da 1ª convocatória	21/03
Envio de proposta – Minicursos	07/04
Envio de proposta – Mesa redonda	07/04
Envio de proposta – Grupo de trabalho	07/04
Resultados – Minicursos	15/04
Resultados – Mesa redonda	15/04
Resultados – Grupo de trabalho	15/04
Publicação da 2ª convocatória	22/04

Início das inscrições – com desconto	20/05
Envio de trabalhos aos Grupos de trabalho	31/05
Resultados – Trabalhos enviados aos Grupos de trabalho	20/06
Término das inscrições – com desconto	05/07
Prazo para pelo menos um dos autores dos trabalhos aprovados realizar sua inscrição no evento	15/07
Divulgação da programação do evento	31/07
Abertura do VI Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais	28/08
Encerramento do VI Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais	30/08
Atividade turístico-cultural	31/08

VIII ORGANIZAÇÃO

Comissão organizadora

- Coordenação Geral - Prof. José Ricardo Costa de Mendonça (PROPAD/UFPE)
- Secretária Executiva – Profa. Bárbara Eduarda Nóbrega Bastos (DCA/UFPE)
- Coordenação Operacional – Prof. Diego Costa Mendes (PROPAD/UFPE)
- Coordenação Financeira – Prof. Alexandre Hochmann Behar (IFPE)
- Coordenação de Comunicação – Prof. Tiago Franca Barreto (UniNassau)
- Coordenação de Articulação Interinstitucional – Prof. Nildo Ferreira Cassundé Junior (UNIVASF)

Comissão Científica

- Profa. Camila Furlan da Costa (UNIPAMPA)
- Profa. Débora Coutinho Paschoal Dourado (UFPE)
- Prof. Diogo Henrique Helal (FUNDAJ/UFPE)
- Profa. Janaynna de Moura Ferraz (UFOB)
- Prof. Rafael Kruter Flores (UFRGS)

IX CASOS OMISSOS

Casos não previstos nessa convocatória devem ser tratados diretamente com a comissão organizadora por e-mail: cbeope@gmail.com

Comissão Organizadora do VI Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais
Sociedade Brasileira de Estudos Organizacionais